

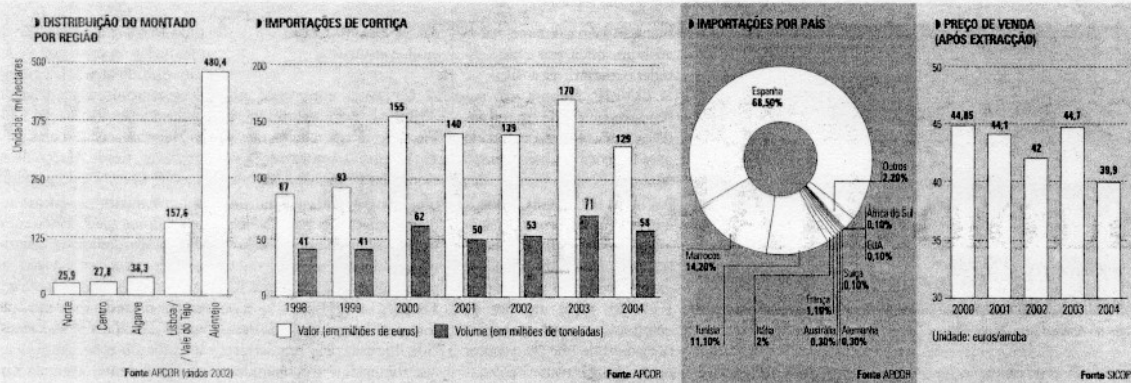
II Compra de matéria-prima a Espanha é equivalente a um terço do produzido no nosso país

Seca impede Portugal de extrair um milhão de arrobas de cortiça

[INDÚSTRIA]
Concentrar é a tendência

António Amorim, presidente da líder do sector da cortiça em Portugal, acredita que a tendência futura do sector indicia concentração, pelo menos ao nível dos grandes interlocutores da indústria. A Corticeira Amorim efectuou o mais recente movimento nesse sentido, ao adquirir, em Fevereiro passado, 50% do capital da CSG Equipar, juntando mais uma fábrica em Coruche.

O futuro da indústria passa igualmente por acções de cooperação, quer ao nível externo quer interno. No exterior, a APCOR lança este ano a segunda fase da Campanha Internacional da Cortiça (CIC), um investimento de 3,2 milhões de euros que será financiado em 71% pelo PRIME, e em que a associação irá contar com a colaboração do Icap. Em território nacional, a APCOR e a autarquia de Sta. Maria da Feira estão a planear a criação de um Parque Empresarial da Cortiça, numa área de cerca de 100 mil m² para captar pequenas e médias empresas do sector, que partilhariam posteriormente serviços e equipamentos comuns.



ISABEL AVEIRO is@mediana.pt

SETE MILHÕES de arrobas é quanto Portugal deverá extrair de cortiça este ano. A estimativa de António Amorim, presidente da Associação Portuguesa de Cortiça (APCOR), que situa a produção da campanha de 2005 sensivelmente ao mesmo nível do ano passado, mas um milhão de arrobas (medida de peso tradicional para a matéria-prima e equivalente a 15 quilos) a menos do que o inicialmente previsto.

António Amorim, igualmente presidente da Corticeira Amorim, explica que, apesar de não ser só por causa da escassez de água sentida este ano, a seca "tem concentrado um efeito psicológico"

junto dos produtores. Receios de eventuais consequências para os sobreiros, os produtores daquela matéria-prima preferem assim adiar a descortiçamento para o próximo ano, abdicando este ano de uma parte da receita.

Esta manutenção dos volumes produzidos em 2004 ocorre num ano em que António Amorim estima que se realize um "reajustamento em baixa dos preços", face à média de 35 euros por arroba no ano passado – um valor indicativo que varia substancialmente consoante a qualidade e o momento da compra (em árvore ou em pilha, já extraída). Para já, adianta o mesmo responsável, é muito cedo para avaliar o grau da redução – que

não acredita atinja os dois dígitos – até porque "entre 40% e 45% da cortiça ainda está por vender", apesar da campanha de extração estar já quase finalizada.

Cid Pereira, director de produção da Subercentro, unidade do grupo Suberus que produz 1,5 milhões de rolhas por dia em Ponte de Sôr, afirma que nos últimos três anos tem ocorrido uma diminuição de 10% a 20% ao ano no preço da cortiça, situando a média em 40 euros por arroba no final de 2004.

António Amorim recorda contudo que a procura do mercado vinícola fez com que entre 1996 e 2003 as receitas dos produtores de cortiça tenham "quase triplicado, ao

passar de 125 milhões de euros para 330 milhões de euros", um movimento "pago pelo mercado e pela indústria", defende. Já em 2004 as receitas caíram para 280 milhões de euros, acrescenta.

A par do gradual "reajustamento" dos preços face à alta sentida da década de 90, António Amorim avança outros motivos para a descida tarifária desde 2003: baixa do preço do dólar – os EUA são um dos maiores compradores de rolhas em valor –, perda de quota da cortiça para os vendedores alternativos (plástico, alumínio); e a existência de outros produtos da mesma matéria-prima (como rolhas técnicas, feitas a partir da aglomeração de granulos de

cortiça) mas para "uma faixa de preço distinta", com custo de produção mais baixo.

Hoje o país continua a representar 33% da área total de montado existente no mundo e 50% da cortiça produzida, mas engane-se quem pensar que as rolhas "made in Portugal" vêm todas de sobreiros do território nacional. Espanha produz anualmente entre 3,5 e quatro milhões de arrobas de cortiça, sendo que Portugal adquire por ano 60% daquele volume, equivalente assim um terço da extração nacional. Cid Pereira explica que a vantagem de Espanha prende-se essencialmente com a quantidade, sendo a qualidade "proporcional" à existente no Alentejo, diz.